

política

Presidenciáveis participam de último horário eleitoral

Programas de rádio e TV se encerraram nesta quinta-feira



Marcus Meneghetti
marcusv@jcrs.com.br

Os candidatos à presidência da República fazem sua última aparição no horário eleitoral gratuito nesta quinta-feira, quando terminou a propaganda eleitoral obrigatória no rádio e na televisão no primeiro turno das eleições de 2026. Os principais presidenciáveis utilizaram estratégias diferentes no último recado antes dos eleitores irem às urnas neste domingo.

No horário eleitoral das 13h, o primeiro candidato a falar foi Flávio Bolsonaro (PL) - que dispõe de 4 minutos e 20 segundos no rádio e TV. Ele recapitulou os 40 dias de campanha eleitoral em um tom emotivo, evitando ataques ao principal adversário, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Flávio afirmou que nunca recebeu “tanto amor na vida” e que resumiria sua candidatura com a palavra “esperança”. Ele disse também que, durante a campanha, compreendeu os anseios dos brasileiros - como a dificuldade em “encher o carrinho no supermercado” por conta do preço dos alimentos. Terminou falando que sua missão é “lutar contra o sistema que funciona só para eles”.

Na sequência, o candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva - que tem 5 minutos e 31 segundos - dividiu seu tempo entre críticas

a Flávio Bolsonaro e as realizações do seu governo. No início, uma nota em solidariedade aos bispos da Igreja Católica e aos devotos de Nossa Senhora Aparecida dizia que era inaceitável os ataques à santa padroeira do Brasil que teriam sido feitos pelo candidato do PL.

A campanha do petista também criticou Flávio Bolsonaro por apoiar cassinos no Brasil. Em seguida, a campanha citou uma série de realizações do Palácio do Planalto: a isenção de Imposto de Renda para quem ganha menos de R\$ 5 mil, a proibição das bets, o fim da escala 6x1 sem redução salarial, entre outras. Lula concluiu assim: “Essa é minha última eleição, e o meu último governo será o mais importante.”

O próximo presidenciável a aparecer no horário eleitoral foi Augusto Cury (Avante) - que tem à sua disposição 35 segundos no rádio e televisão. Ele criticou a polarização da eleição entre Lula e Flávio Bolsonaro, que aparecem como os dois favoritos nas pesquisas de inten-

ção de voto. O jingle do candidato entoava que “Cury é a cura” para a polarização.

Por fim, o candidato Ronaldo Caiado (PSD) - que tem 2 minutos e 2 segundos - fechou o bloco da propaganda eleitoral com os presidenciáveis. Caiado iniciou lembrando que foi o governador mais bem avaliado do Brasil quando estava à frente do governo de Goiás, chegando a ter 90% de aprovação. Depois, pediu ao eleitor que não se valesse do voto útil na primeira etapa do pleito: “No primeiro turno, você não vota contra esse ou aquele candidato, vota em quem você acredita.” E pediu um voto de confiança dos eleitores.

Em caso de segundo turno, o horário eleitoral gratuito retorna no dia 9 de outubro e se estende até o dia 23 de outubro. Os dois candidatos a presidente e a governador que passarem à segunda etapa do pleito recebem o mesmo tempo de propaganda no rádio e televisão: 10 minutos para cada candidato.



Flávio, Lula, Cury e Caiado utilizaram estratégias diferentes

AGU pede apuração de financiamento dos EUA contra STF

A Advocacia-Geral da União (AGU) pediu investigações ao Ministério Público Federal (MPF) acerca de possíveis financiamentos do governo de Donald Trump a grupos e organizações para atacar instituições brasileiras, como o Supremo Tribunal Federal (STF).

Segundo o órgão, a iniciativa surgiu a partir de reportagem da quarta-feira do jornal britânico The Guardian, segundo a qual o Departamento de Estado norte-americano teria repassado US\$ 1 milhão (R\$ 5,1 milhões), oriundos do Human Rights and Democracy Fund, ao programa “Countering

Lawfare and Censorship in Brazil” (Combate ao Lawfare e à Censura no Brasil).

O pedido foi encaminhado por meio de notícia-crime, junto à Polícia Federal, para a Procuradoria-Geral da República (PGR).

A reportagem do The Guardian afirma que o governo do republicano planejava destinar dinheiro público, no equivalente a R\$ 5,1 milhões, para grupos contrários à Suprema Corte brasileira, sob a acusação de que o STF extrapola as atribuições judiciais e impõe censura no Brasil.

Em outubro do ano passado,

durante as negociações após o primeiro tarifaço de 50% contra o Brasil, o governo Trump exigiu que o país permitisse a participação de “dissidentes políticos” nas eleições presidenciais de 2026.

Nesta quinta-feira, Trump afirmou que acompanha as eleições brasileiras “de perto”, em meio ao receio do governo brasileiro de interferência de Trump no pleito.

O republicano ainda elogiou o Brasil, ao dizer que o país é muito importante. “As pessoas do Brasil são fantásticas e é uma eleição muito importante”.



Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Hora de construir



A eleição presidencial chega à reta final com Lula (PT) e Flávio Bolsonaro (PL) concentrando as atenções e uma disputa que, desde o início da campanha, vem sendo marcada pela polarização. Faltam poucos dias para o eleitor decidir quem comandará o País a partir de 2027. Mais do que escolher um presidente, porém, as urnas definirão o ambiente político em que o próximo governo terá de governar. As pesquisas registraram uma redução importante da distância entre os dois principais candidatos ao longo da campanha. Mas pesquisa é fotografia de um momento. A última palavra continuará sendo do eleitor, diante da urna.

Muito além dos dois

A eleição não se resume à disputa entre PT e PL. São 12 candidaturas à Presidência da República, com projetos e visões diferentes para o País. Ronaldo Caiado (PSD), Romeu Zema (Novo), Augusto Cury (Avante) e outros candidatos tentam ocupar espaços no centro e nos demais segmentos do eleitorado. Essa diversidade mostra que existe uma parcela expressiva do país que não se identifica integralmente com os dois polos que dominaram a campanha. É justamente aí que poderá estar uma das questões centrais do próximo governo: como transformar uma sociedade politicamente dividida em uma base capaz de discutir e aprovar uma agenda nacional?

O Congresso será decisivo

O presidente eleito não governará sozinho. A nova composição do Congresso terá papel fundamental na aprovação das propostas do Executivo. No Senado, 54 das 81 cadeiras estão em disputa. Na Câmara, serão renovados todos os 513 deputados federais. O resultado dessas eleições será determinante para o equilíbrio entre Executivo e Legislativo. Orçamento, reformas, segurança, saúde, educação, infraestrutura, responsabilidade fiscal e políticas sociais dependerão de negociação política. É nesse ponto que a eleição presidencial encontra uma realidade incontornável: governar exigirá diálogo.

Um caminho alternativo

Depois de uma campanha tão marcada pelo confronto entre direita e esquerda, talvez seja hora de discutir um caminho diferente para o Brasil. Não se trata de apagar diferenças ideológicas, nem de exigir que partidos abandonem suas convicções. Trata-se de reconhecer que problemas nacionais não pertencem exclusivamente à esquerda ou à direita. O próximo governo, seja qual for o partido vencedor, terá diante de si a necessidade de construir uma agenda possível com diferentes forças políticas. O País precisa recuperar a capacidade de conversar, negociar e produzir resultados.

Desde 1980 protegendo a inovação para você construir o futuro.

in @ f www.sko.com.br | 51 3342.9323

SKO
OYARZÁBAL
MARCAS & PATENTES S/C
Ética • Dinamismo • Confiabilidade